

denominação
Fazenda Santo Antônio do Paiol

código
AIII - F16 - Val

localização
Rodovia RJ-145, distrito-sede, bairro de Esteves

município
Valença

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
institucional / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular (Congregação da Pequena Obra da Divina Providência Dom Orioni)



situação e ambiência

A fazenda está localizada à margem da rodovia RJ-145, sendo possível avistar a casa-sede. Implantada no alto de uma elevação, dominando a paisagem de tal forma que quem passa pela rodovia não pode deixar de apreciá-la.

Devido à topografia do sítio onde está implantada a casa-sede, a mesma se apresenta como um sobrado em suas fachadas frontal e laterais, e térrea naquela voltada para os fundos.



Fotos: Adriano Novaes.

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007
Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias
Adriano Novaes / Fernando Pozzobon

revisão / data
Alberto Taveira - mar 2008

Próximas à casa-sede encontramos duas construções novas: o eremitério e a capela com os alojamentos. Afastada da casa-sede, em terreno com pequeno desnível, próximo ao acesso pela rodovia RJ 145, é possível localizar os remanescentes da área de trabalho para produção do café, como parte das senzalas e os terreiros. Esses remanescentes se encontram em péssimo estado de conservação. Através de iconografia antiga pode-se analisar a configuração da área de trabalho e constatar a existência das senzalas, tulha, engenho, construções de apoio, além dos dois terreiros, mostrando que a referida fazenda foi uma das maiores produtoras de café da região.

Diante dessas observações percebemos que o tipo de ocupação predominante em que a casa-sede *“fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas”*¹, não foi adotado como modelo.

¹.Miranda, A. R., Czajkowski, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede divididas em cinco categorias, extraída do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a casa-sede da Fazenda Santo Antônio do Paiol se enquadra no terceiro tipo, onde a “casa rural é o grande sobrado de muitas portas e janelas: o casarão antológico que vem sempre à mente quando se fala em fazendas e barões do café. Ele não é, no entanto, exclusivo do universo rural, sendo, ao contrário, talvez o que mais aparece ao longo de nossa história quando se trata de construir um grande prédio, tanto urbano quanto rural, tanto civil quanto religioso – haja visto os conventos e mosteiros que provavelmente são o seu modelo fundamental. É nesses casarões que a boa composição arquitetônica se faz mais necessária e perceptível. Aqui o acerto nas proporções e na relação entre cheios e vazios. Bem como a eventual ornamentação, são os únicos recursos para evitar a monotonia que as extensas fachadas com poucos elementos arquitetônicos parecem sugerir. As janelas e tudo o que a elas se refere são primordiais na evolução estética desses sobrados.”(fotos 59 e 60).

A casa-sede está implantada no alto de uma elevação dominando a paisagem. Analisando o seu interior, observamos que ela apresenta quatro acessos no pavimento porão e dez acessos no pavimento nobre. No porão, duas portas de entrada se abrem para um vestíbulo onde existe uma escada de acesso ao piso residencial. Através dessa escada chegamos a um *hall* de distribuição que tem à frente um conjunto de dois quartos, à esquerda uma seqüência de quartos e à direita uma sala e um conjunto de dois quartos. Através dessa sala, localizada à direita do *hall* de distribuição, chegamos a uma outra sala – central – destinada a visitas, tendo ao fundo um conjunto de três alcovas unificadas com a retirada das alvenarias divisórias. Essas alcovas se transformaram em um corredor de ligação para as salas. Por trás dessas alcovas, localiza-se uma sala de jantar que, por meio de três portas, se abre para um pátio descoberto, voltado para os fundos. Esse pátio é definido pelos corpos laterais que, com o frontal, formam um desenho em planta de um “U”. A sala de jantar liga-se a uma outra sala, dando seqüência à área íntima, de quartos localizados à direita e, à esquerda, a vários compartimentos, como sala de banho, sanitários, copa e cômodos de serviço.



15



17



18



19



20



21

Através dessa análise percebemos algumas intervenções, como a transformação de usos (compartimentos para banheiros, capela, copa de refeição, biblioteca); acréscimos posteriores (lavanderia e área de serviço) e a demolição de várias alvenarias históricas (copa de refeição e alcovas). Próximas à casa-sede existem duas construções novas, o eremitério e a capela com alojamentos.

Afastada da casa-sede, em terreno com pequeno desnível, próximo ao acesso pela estrada RJ 145 é possível localizar a área de trabalho para produção do café. Atualmente existem no local os terreiros de secagem do café e um trecho da senzala, ambos em péssimo estado de conservação.

Os beirais da casa-sede acham-se descaracterizados, com resquícios de cimalha em madeira (f.53) e nos remanescente das senzalas, felizmente ainda existem trechos com contrafeito original (f. 54).

Os vãos de portas e janelas possuem vergas retas, observados na casa-sede e nos remanescentes das senzalas, com detalhe de sobrevergas em algumas esquadrias da casa-sede. As janelas apresentam tipos de esquadria com venezianas guilhotinas e folhas cegas. Já as portas mantêm esquadrias almofadadas; com folhas cegas sem bandeira; em caixilhos de vidro com bandeiras; almofadas com parte em venezianas, também com bandeiras.

Como elementos decorativos e ornatos a destacar, foi notada a presença de cunhais e frisos tintos na cor ocre.

A estrutura apresenta seção quadrada, com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique. Não foi realizada prospecção que comprovasse essa assertiva. Entretanto, ela pode ser constatada através do afloramento da estrutura autônoma de madeira, da alvenaria de embasamento em pedra aparente e nas áreas sem argamassa de revestimento.



23



26



30



33



34



53



59



60

As instalações elétricas estão embutidas na alvenaria histórica da casa-sede, provavelmente com a utilização de argamassa de cimento para fechamento de rasgo. Porém, no porão da casa-sede, as mesmas estão sem proteção, assim como nos remanescentes das senzalas (f.55 e 56).

Notou-se o apodrecimento de peças de madeira, como ombreiras e peitoris de esquadrias no porão da casa-sede e nos remanescentes das senzalas (f.02 e 57).

Há passeios em lajes de pedra e piso cimentado nas faixas de terreno ligadas diretamente ao nascimento das paredes da casa-sede (f.17, 18, 20 e 21).

Foi observada a existência de passagem de instalações de esgoto pela estrutura de barrotes de piso da casa-sede (f.47).

Notou-se o descolamento da pintura nos forros de madeira do tipo saia e blusa, em vários cômodos da casa-sede (f.58).

Na fundação da casa-sede existem manchas de umidade nas faces externas das alvenarias de embasamento em pedra, com degradação do reboco nas faces internas voltadas ao porão (f. 01, 02, 03 e 04). Nos remanescentes das senzalas, a alvenaria de embasamento em pedra mantém a presença de pequenos vazios, sem vedação por argamassa de consolidação (f.05).

Nas paredes de vedação da casa-sede, notou-se a demolição de várias alvenarias históricas, nos seguintes cômodos: copa CO; quarto Q9, sala S2, detectadas através de marcações nos forros. Há manchas de umidade, devido a vazamentos da tubulação de água fria, no lavatório localizado na circulação C14 (f.06); no banheiro do quarto Q7, com descascamento da pintura (f.12); bem como a presença de bolhas superficiais na pintura das bases das alvenarias divisórias entre a copa CO e a despensa DE; e a copa CO e a área de serviço AS (f.10). Existem trechos com argamassa de cimento, verificados na despensa DE e na cozinha COZ (f.07, 08 e 09). Foi executada uma parede divisória nova sobre assoalho existente entre o quarto Q7 e o banheiro WC2, assim como foram construídas novas alvenarias nos compartimentos para vaso sanitário e chuveiro localizados na sala de banho SB (f.15). Há desarticulação da aduela com a alvenaria histórica na parede divisória entre a circulação C15 e a sala íntima SI (f.11). Foi notada a presença de fissuras em locais com argamassa de cimento sala de banho SB. Porém, não foi possível constatar se a alvenaria é histórica ou não (f.16). Há manchas de umidade nas bases das alvenarias históricas na área externa (f.17, 18, 19, 20 e 21) e também outras, com a presença de bolhas e descascamento da pintura da lavanderia LAV, provavelmente causadas por vazamento da caixa d'água (f.22). Encontramos desarticulação na junção das alvenarias de fundos com a lateral, localizadas na cozinha COZ (f.23) e áreas com reboco descolando em placas, no escritório E (f.24), além de fissuras devido à incompatibilidade entre os materiais, provavelmente devido à utilização de argamassa de cimento em alvenaria histórica, no banheiro WC1 (f.25).



02



05



06



07



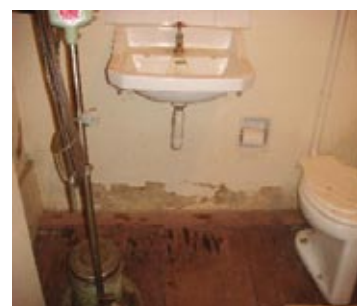
08



09



11



12

Nos remanescentes das senzalas, em suas paredes de vedação, há empena de tabuado extremamente deteriorada (f.26). Existem áreas sem revestimento de argamassa de cal, causando degradação rápida da alvenaria de pau-a-pique (f.27, 28 e 29). Foi constatada a presença de fissuras (f.27), além do revestimento em madeira extremamente deteriorado (f.30).

Na cobertura da casa-sede existem manchas de umidades causadas pelas águas pluviais do telhado da varanda, sobre as circulações CI2 e CI4 (f.13 e 14), além de manchas de umidade descendente na circulação CI7 (f.31). Foi construída laje em concreto sem proteção, o que ocasionou manchas de umidade com descascamento da pintura, na sala de banho SB (f.32), além de execução de laje em concreto para inserção de caixa d'água sobre a lavanderia LAV. Existe descaracterização de fachadas, com a introdução de nova cobertura em telha cerâmica; de lajes em concreto, além de telhado de duas águas, localizado na cozinha COZ (f.33).

No telhado dos remanescentes das senzalas foi notado o arqueamento das peças de madeira devido ao apodrecimento do material, sendo necessária a execução de escoramentos provisórios (f.34).

Na estrutura de madeira da casa-sede foram percebidas fissuras localizadas acima das vergas das portas internas e janelas, provavelmente devido ao apodrecimento dos elementos em madeira, em vários cômodos (f.35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43). Existe desarticulação do esteio em madeira com a aduela da esquadria entre a circulação CI7 e a sala íntima SI. Foi observado o apodrecimento de trecho do barroto e do assoalho na circulação CI1 (f.44). Há afundamento de trecho do assoalho, devido ao apodrecimento da estrutura de barroto, na sala de leitura SL. Foram executados enxertos inadequados na estrutura de barrotes (f.45 e 46). Há manchas de umidade nos barrotes, devido ao vazamento da tubulação de esgoto (f.47). Notou-se a presença de várias fissuras, provavelmente devido ao selamento da estrutura de barrotes de piso (f.48, 49 e 50).

Nos remanescentes das senzalas, percebeu-se o avançado estado de degradação das peças de madeira (f.51 e 52).



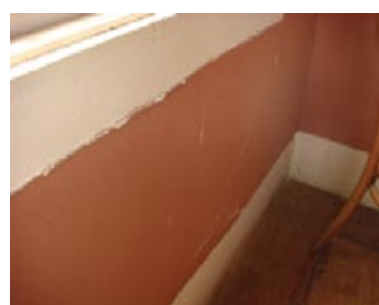
13



14



22



24



27



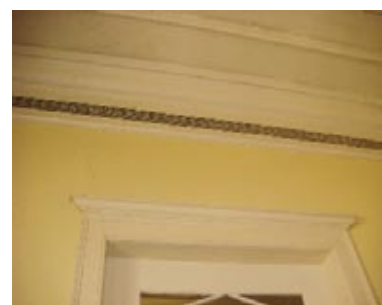
28



32



35



38



40



41



42



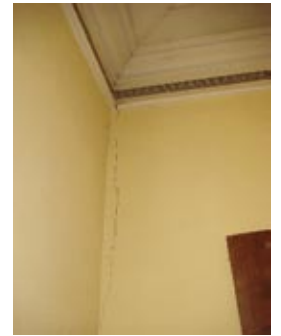
45



46



47



49



51



52



54



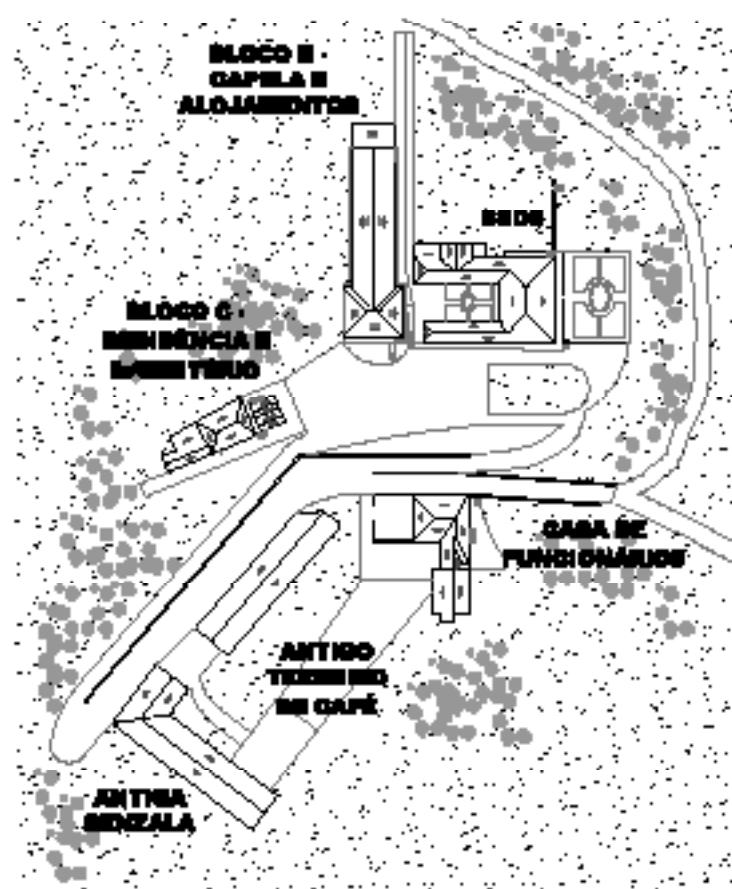
55



57



58

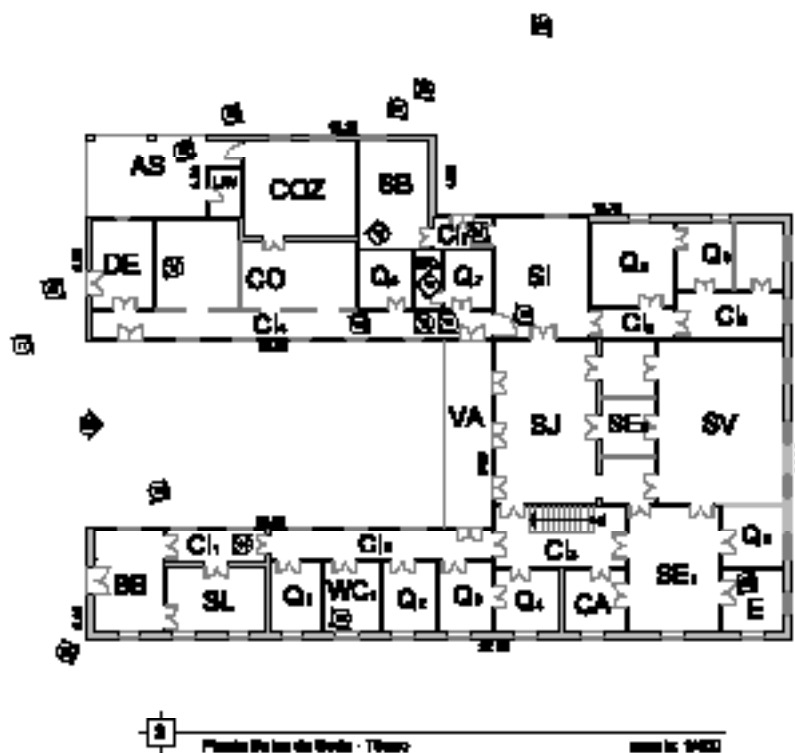


FAZENDA SANTO ANTÔNIO DO PAIOZ
 Parte de Ilhaçu escala: 1:8000

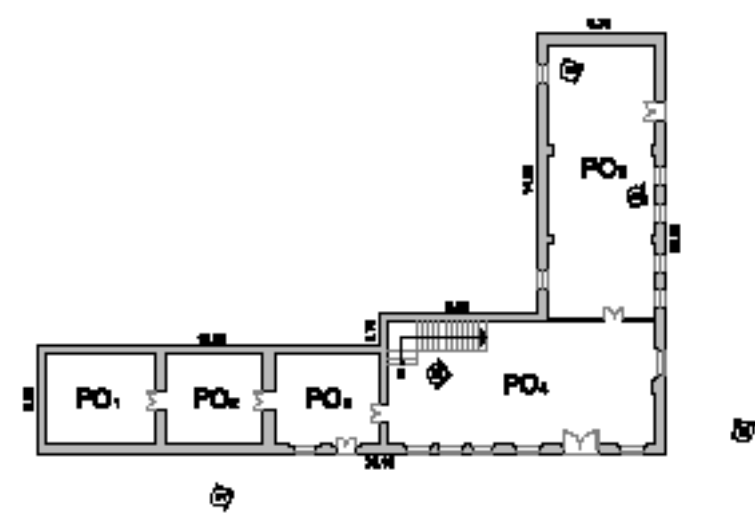
0 5 10 20 m

Observações:

1. As paredes de arco (luz) não têm o mesmo nível do chão, daí se fazem duas aberturas a uma altura de 1,50m, para permitir a circulação no nível do andar, de volta ao andar.
2. A sala (biblioteca) substituiu a antiga e ocupa o mesmo espaço.
3. A área de serviço para este andar tem um ar condicionado no lado da cozinha da parte que se passou a cozinha.



Fazenda São João do Vale - Vale
escala: 1/200



FAZENDA SANTO ANTÔNIO DO PAOL
Fazenda Santo Antônio do Paol - Paol
escala: 1/200

AS - área de serviço	CI - cozinha	DE - despensa	BB - sala de banho	SJ - sala de jantar	VA - varanda	— — — — —	parede de alvenaria
BB - biblioteca	CO - coxa	PO - portão	SE - sala de estar	SL - sala de leitura	WO - banheiro	parede de vidro
DA - depósito	COZ - cozinha	Q - quarto	SI - sala íntima	SV - sala de visitas			

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AIII - F15 - Val		2/2	
autor:	desenho:	revisão:	data:		
Tânia N. Kashhecura/ Ana Vivian Baptista/ Paulo Ariel G. Dias	Tânia N. Kashhecura	Franciely Bousquet	nov 2007		

As terras da Fazenda Santo Antônio do Paiol foram concedidas por sesmaria a João Soares Pinho, em 1814, sete anos após seu estabelecimento em Valença e foram vendidas, poucos anos depois, para o sesmeiro vizinho, Francisco Martins Pimentel.

Exatamente na metade do século XIX, a fazenda serviu de dote a Manoel Antônio Esteves, que a recebeu como recompensa pelo seu casamento com a filha de Pimentel, Maria Francisca.

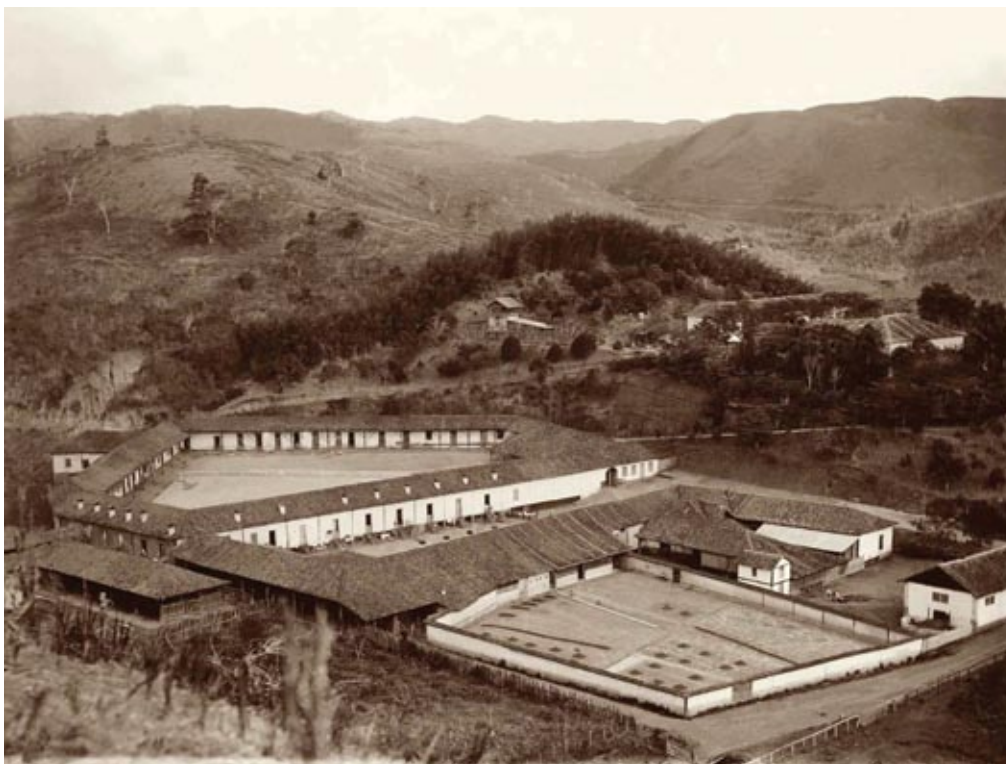
O novo proprietário construiu rapidamente a nova sede, que foi feita com todos os requisitos exigidos de uma fazenda de café do período. É peculiar o local da implantação, no alto de uma colina, cercada de palmeiras imperiais. A construção da casa foi acompanhada pela prosperidade do cafezal, que atingiu sua melhor fase neste período.

Esteves trabalhou com afinco, ampliou os cafezais, adquiriu novas fazendas. Nelas, chegou a ter mais de 600 escravos. Eliminando intermediários, ele mesmo negociava sua produção de café, operando no Rio de Janeiro e em Santos, com a firma exportadora Esteves & Filhos. Faleceu em sua casa do Rio de Janeiro em 1879, no auge de seu prestígio e fortuna. Sucedeu-lhe o filho mais velho, Francisco Martins Esteves, pessoa de cultura e hábitos refinados, porém, sem gosto ou inclinação para os negócios. Administrando a fazenda como lhe era possível e enfrentando os contratemplos que acompanharam a derrocada do café, Francisco adquiriu as partes dos demais herdeiros e fixou-se ali, definitivamente, com o filho Marcos Zacarias Manoel Esteves.

Aos poucos os Esteves se desfizeram de parte das terras. Com a fazenda praticamente desativada, sem renda e com o patrimônio em terras reduzido, a viúva de Marcos, D. Francisca Olympia Alves de Queiroz Esteves lutou para preservar o acervo móvel e imóvel de Santo Antônio. Assumindo uma ligação afetiva com a memória da fazenda, empenhou-se para manter vivo tudo que dissesse respeito ao período do café.

Em 1969, a fazenda foi doada a uma entidade religiosa, a Congregação da Pequena Obra da Divina Providência São Luis Orione, como último recurso para manter a propriedade e os pertences. No ano de 1990, a Fazenda Santo Antônio do Paiol foi arrendada por Rogério Vianna, empresário carioca que, juntamente com sua esposa Maria Alice, empreendeu uma grande reforma na sede, já então desgastada pelo tempo. Neste momento, foram encontrados no porão uma série de documentos das atividades da fazenda, o que permitiu reconstruir um pouco da história deste local.

Ao apagar das luzes do século XX, a Santo Antônio do Paiol voltou às mãos da Ordem Dom Orione, que vem mantendo o trabalho iniciado pelo casal Vianna.



Fazenda Santo Antônio do Paiol, Marc Ferrez, s/d (Acervo IMS)

